 Tempo de leitura: 13 min.

(continuação do artigo anterior)

2. As ladainhas da boa morte no contexto da espiritualidade juvenil promovida por Dom Bosco

As ladainhas da boa morte incluídas no *Jovem Instruído* merecem uma menção à parte, pois constituíam apenas um momento do exercício, o emocionalmente mais intenso. O coração da prática mensal, de fato, era o exame de consciência, a confissão bem feita, a comunhão fervorosa, a decisão de se entregar totalmente a Deus e a formulação de propósitos operativos de natureza moral e espiritual. Nos volumes ou manuais de pregação dos séculos anteriores, não encontramos textos análogos à sequência de ladainhas do *Jovem Instruído*, cuja composição Dom Bosco atribui a "uma donzela protestante convertida à religião católica aos 15 anos e que morreu aos 18 em odor de santidade".[1] Ele a extraiu de livros piedosos publicados naquela época no Piemonte.[2] A oração, "indulgenciada por Pio VII, mas que já circulava no final do século XVIII",[3] poderia servir como uma ferramenta eficaz para mover os afetos por meio da dramatização imaginativa dos últimos momentos da vida: colocava o fiel em seu leito de morte, convidando-o a rever as várias partes do corpo e os sentidos correspondentes, considerados no estado em que estariam no momento da agonia, para movê-lo, estimular a confiança na misericórdia divina e estimulá-lo a tomar resoluções de conversão e perseverança. Era um exercício no qual o espírito romântico encontrava prazer e que Dom Bosco considerava particularmente adequado em nível emocional e espiritual, como se pode ver em alguns de seus textos narrativos. A fórmula teve grande sucesso durante o século XIX: nós a encontramos reproduzida em várias coleções de orações, mesmo fora dos limites do Piemonte.[4] Achamos interessante reproduzi-la em sua totalidade:

Senhor Jesus, Deus de bondade, Pai de misericórdia, eu me apresento diante de vós com o coração humilhado, contrito e compungido; recomendo-vos minha última hora e o que depois dela me espera.

Quando meus pés imóveis me advertirem que minha carreira neste mundo está próxima a terminar, *ó misericordioso Jesus, tende piedade de mim*.

Quando minhas mãos, trêmulas e entorpecidas, já não puderem mais sustentar vossa imagem crucificada e, a meu pesar, a deixar cair sobre o leito das minhas dores, *ó misericordioso Jesus, tende piedade de mim*.

Quando meus olhos, já vidrados e ofuscados pelo horror da morte iminente,

se fixarem em vós com um olhar lânguido e moribundo, *ó misericordioso Jesus, tende piedade de mim*.

Quando os meus lábios, frios e trêmulos, pronunciarem pela última vez vosso Nome adorável, *ó misericordioso Jesus, tende piedade de mim*.

Quando minhas faces, pálidas e lívidas, inspirarem aos circunstantes compaixão e terror, e os meus cabelos, banhados do suor da morte, se eriçarem, indicando que está próximo o meu fim, *ó misericordioso Jesus, tende piedade de mim*.

Quando meus ouvidos, prestes a cerrarem-se para sempre às palavras dos homens, se abrirem para escutar a vossa voz, que pronuncia a irrevogável sentença, que há de fixar a minha sorte por toda a eternidade, *ó misericordioso Jesus, tende piedade de mim*.

Quando minha imaginação agitada pelos horrendos e temerosos fantasmas, estiver submersa em mortais tristezas, e o meu espírito, perturbado ao aspecto de minhas iniquidades e pelo temor da vossa justiça, lutar contra o anjo das trevas, que buscará privar-me da vista consoladora das vossas misericórdias e lançar-me no desespero, *ó misericordioso Jesus, tende piedade de mim*.

Quando meu débil coração, oprimido pelas dores da enfermidade, estiver tomado dos horrores da morte e exausto de forças pelas lutas sustentadas contra os inimigos da minha salvação, *ó misericordioso Jesus, tende piedade de mim.*

Quando eu derramar minhas últimas lágrimas, sintoma da minha destruição, recebei-as, meu Jesus em sacrifício expiatório para que expire como vítima de penitência, e naquele terrível momento, *ó misericordioso Jesus, tende piedade de mim*.

Quando meus parentes e amigos, estando em torno de mim, se enternecerem ao ver o meu lastimoso estado, e por mim vos invocarem, *ó misericordioso Jesus, tende piedade de mim.*

Quando houver perdido o uso de todos os meus sentidos, e o mundo inteiro tiver desaparecido para mim, e gemer nas angústias da última agonia e nas aflições da morte, *ó misericordioso Jesus, tende piedade de mim.*

Quando as últimas ânsias do coração forçarem minha alma a sair do corpo, aceitai-as como sinais de uma santa impaciência de chegar a vós, e vós, *ó misericordioso Jesus, tende piedade de mim.*

Quando minha alma, fugindo-me dos lábios, partir para sempre deste mundo e abandonar o meu corpo pálido, frio e sem vida, aceitai a destruição de meu ser como uma homenagem que presto à vossa divina majestade; e então, *ó misericordioso Jesus, tende piedade de mim.*

Quando finalmente minha alma comparecer diante de vós e vir pela

primeira vez o esplendor imortal de vossa majestade, não a expulseis de vossa presença; mas dignai-vos receber-me no seio amoroso de vossa misericórdia, para que eu cante eternamente os vossos louvores, *ó misericordioso Jesus, tende piedade de mim.*
Oração: Ó Deus, que, nos condenando à morte, nos ocultastes a hora e o momento dela, fazei que vivendo eu, em justiça e santidade todos os dias da vida, possa merecer a graça de sair deste mundo em vosso santo amor, pelos merecimentos de Nosso Senhor Jesus Cristo, que convosco vive e reina em unidade do Espírito Santo. Assim seja.[5]

O racionalismo do século XVIII e o gosto barroco pelo macabro e pelo fúnebre, ainda presente na *Preparação para a Morte* de Santo Afonso Maria de Ligório,[6] foi superado no século XIX pela sensibilidade romântica que preferia seguir o caminho do sentimento, que, "para atingir o intelecto, vai primeiro diretamente ao coração e, fazendo o coração sentir a força e a beleza da religião, fixa a atenção do intelecto e facilita o seu consentimento", como escreveu Dom Angelo Antonio Scotti.[7] Portanto, mesmo na consideração da morte, era considerado excelente insistir nas alavancas emocionais e nos afetos para provocar uma resposta generosa ao dom absoluto de si mesmo feito pelo divino Salvador para a salvação da humanidade. Autores espirituais e pregadores consideravam importante e necessário descrever "as aflições e opressões que são inseparáveis dos esforços que a alma deve naturalmente fazer para romper os laços do corpo",[8] juntamente com a descrição da morte serena dos justos. Eles queriam trazer a fé para a concretude da existência a fim de estimular a reforma da moral e o propósito de uma vida cristã mais genuína e fervorosa: "Certamente a esperança de merecer uma boa agonia e uma morte santa foi e sempre será a mola mais poderosa para induzir os homens a abandonar o vício; pois o espetáculo de um homem perverso, que morre como viveu, é uma grande lição para todos os mortais".[9]

A sequência das ladainhas da boa morte incluídas no *Jovem Instruído* deve ser considerada, portanto, inteiramente funcional para o sucesso do retiro mensal e para os ideais de vida cristã que o Santo propunha aos jovens, além de ser particularmente adequada à sensibilidade emocional e cultural daquele momento histórico preciso. Se hoje a leitura daquelas fórmulas gera a sensação de inquietação evocada por Delumeau e oferece uma representação "totalmente angustiante" da pedagogia religiosa de Dom Bosco,[10] isso acontece sobretudo porque elas são extrapoladas de seus quadros de referência. Ao contrário, como se depreende da prática educativa do Oratório e dos testemunhos narrativos deixados por Dom Bosco, não só as almas daqueles jovens encontravam prazer e estímulo

em recitá-los, mas contribuíam efetivamente para tornar o exercício da boa morte fecundo em frutos morais e espirituais. Para sondar sua primitiva fecundidade educativa, é preciso ancorá-las no conjunto da proposta substancial de vida cristã apresentada por Dom Bosco e na experiência fervorosa, laboriosa e estimulante do Oratório.

O horizonte global de referência já pode ser apreendido nas pequenas meditações que introduzem o *Jovem Instruído*, onde Dom Bosco pretende sobretudo apresentar "uma breve e fácil norma
de vida, mas suficiente" para que seus jovens leitores possam "tornar-se a consolação de seus pais, a honra da pátria, bons cidadãos na terra e mais tarde venturosos habitantes do Céu".[11] Antes de tudo, ele os incentiva a "erguer o olhar", a contemplar a beleza da criação e a altíssima dignidade do homem, a mais sublime das criaturas, dotada de uma alma espiritual feita para amar o Senhor, para crescer em virtude e santidade, destinada ao Paraíso, à comunhão eterna com Deus.[12] A consideração do ilimitado amor divino, que nos foi revelado no sacrifício de Cristo pela salvação da humanidade, e da especial predileção de Deus pelas crianças e pelos jovens, deve levá-los a corresponder com generosidade, a "orientar cada ação" para a consecução do fim para o qual foram criados, com o firme propósito de fazer todas as coisas que possam agradar ao Senhor e evitar "as coisas que possam desagradá-lo".[13] E como a salvação de uma pessoa "normalmente depende do tempo da juventude", é indispensável começar logo a *servir ao Senhor*: "Se começarmos uma vida boa agora que somos jovens, bons seremos em nossa idade avançada, boa será nossa morte e o início da felicidade eterna. Ao contrário, se os vícios se apossarem de nós em nossa juventude, eles continuarão em todas as nossas idades até a morte. Uma garantia fatal demais de uma eternidade muito infeliz.[14]

Dom Bosco, portanto, convida os adolescentes a se entregarem "a tempo a Deus", a se empenharem com alegria no seu serviço, superando o preconceito de que a vida cristã é triste e melancólica: "Não é verdade, será melancólico aquele que serve ao demônio, que por mais que procure mostrar-se alegre, terá sempre um coração que chora, dizendo-lhe: és infeliz porque és inimigo de Deus [...]. Coragem, pois, meus queridos, entreguem-se a tempo à virtude, e eu lhes asseguro que terão sempre um coração alegre e contente, e saberão como é doce servir ao Senhor".[15]

A vida cristã consiste essencialmente em servir o Senhor com "santa alegria"; essa é uma das ideias mais fecundas e peculiares da herança espiritual e pedagógica de Dom Bosco: "Se fizeres assim, quantas consolações sentirás na hora da morte! Pelo contrário, se não procuras servir a Deus, quantos arrependimentos

sentirás no fim dos teus dias”.[16] Aquele que adia a conversão, que consome seus dias na ociosidade ou em dissipações inúteis e prejudiciais, em pecados ou vícios, corre o risco de não ter mais a oportunidade, o tempo e a graça de voltar a Deus com o perigo da condenação eterna.[17] De fato, a morte pode surpreendê-lo quando menos espera: “Ai daquele que estiver na desgraça de Deus naquele momento”.[18] Mas a misericórdia divina oferece ao pecador arrependido o sacramento da Penitência, um meio seguro de recuperar a graça e, com ela, a paz no coração. Celebrado regularmente e com as disposições adequadas, o sacramento não só se torna um instrumento eficaz de salvação, mas também um momento educativo privilegiado no qual o confessor, “fiel amigo da alma”, pode orientar com segurança o jovem no caminho da salvação e da santidade. A confissão é preparada com um bom exame de consciência, pedindo luz ao Senhor: “Iluminai-me com a vossa graça, para que eu conheça agora os meus pecados, assim como me dareis a conhecer quando eu comparecer perante o vosso julgamento. Fazei, ó meu Deus, que os deteste com verdadeira dor”.[19] A celebração regular do sacramento garante a serenidade necessária para viver uma vida verdadeiramente feliz: “Parece-me que esse é o meio mais seguro para viver dias felizes em meio às aflições da vida, ao final das quais também veremos calmamente o momento da morte se aproximar”.[20]

A amizade com Deus reconquistada por meio da Confissão encontra seu ápice na Comunhão Eucarística, um momento privilegiado no qual o jovem oferece tudo de si para que Deus possa “tomar posse” de seu coração e se tornar seu senhor incontestável. No ato em que ele se abre sem reservas à ação santificadora e transfiguradora da graça, ele experimenta a alegria inefável que acompanha uma experiência espiritual genuína e é levado a desejar ardentemente a comunhão eterna com Deus: “Se eu quiser algo grande, vou receber a hóstia sagrada na qual se encontra o *corpus quod pro nobis traditum est*, aquele mesmo corpo, sangue, alma e divindade que Jesus Cristo ofereceu ao seu Pai eterno por nós na cruz. O que me falta para ser feliz? Nada neste mundo: só me falta poder gozar, revelado no céu, daquele que agora, com olhos de fé, vejo e adoro no altar”.[21]

Apesar do forte acento emocional que conota o sentimento religioso do século XIX, a espiritualidade proposta por Dom Bosco é muito concreta. De fato, ele apresenta a conversão como um processo de apropriação das promessas batismais, que começa no momento em que o jovem, de “maneira franca e decidida”, decide responder ao chamado divino,[22] para desapegar o coração do afeto pelo pecado a fim de amar a Deus acima de tudo e deixar-se moldar docilmente pela graça. A conversão se traduz, portanto, em uma vida laboriosa e ardente, animada pela caridade, em um esforço positivo e alegre pela perfeição, começando pelas

pequenas coisas cotidianas. O fervor da caridade inspira uma mortificação "positiva" dos sentidos, centrada na superação de si mesmo, na reforma da vida, no cumprimento pontual dos deveres, na cordialidade e no serviço ao próximo. Essa mortificação não tem nada de aflitivo, porque é uma adesão generosa à vida com seus imprevistos e dificuldades, é a capacidade de suportar as adversidades cotidianas, é a firmeza na fadiga, é a sobriedade e a temperança, é a fortaleza. Toda ocasião, portanto, pode se tornar uma expressão do amor de Deus, um amor que leva a pessoa a viver e trabalhar "na presença dele", a fazer tudo e suportar tudo por causa dele.

A caridade anima a oração de maneira especial, pois, por meio de pequenas práticas, jaculatórias, visitas e devoções, alimenta o desejo de comunhão afetuosa, traduz-se em doação incondicional, adaptação alegre à vontade divina, desejo de união mística e anseio pela comunhão eterna do Paraíso.

Dom Bosco resume sua proposta em fórmulas simplificadoras, mas não diminui o nível, e lembra constantemente aos jovens que é necessário decidir com determinação: "De quantas coisas, então, precisamos para nos tornarmos santos? Apenas uma coisa: *é preciso querer*. Sim, desde que queirais, podeis ser santos: tudo o que precisais é *querer*". Isso é demonstrado pelos exemplos de santos "que viveram em circunstâncias humildes e em meio às dificuldades de uma vida ativa", mas se santificaram simplesmente "fazendo bem tudo o que tinham de fazer. Eles cumpriram todos os seus deveres para com Deus, sofrendo tudo por causa dele, oferecendo-lhe suas dores, seus trabalhos: essa é a grande ciência da salvação eterna e da santidade".[23]

A experiência de Miguel Magone, aluno do Oratório de Valdocco, é esclarecedora. "Abandonado a si mesmo – escreveu Dom Bosco – corria o risco de começar a trilhar o triste caminho do mal"; o Senhor o convidou a segui-lo; "ele escutou o amoroso chamado e, respondendo constantemente à graça divina, chegou a atrair a admiração de todos os que o conheciam, mostrando assim como são maravilhosos os efeitos da graça de Deus sobre aqueles que se esforçam para corresponder a ela".[24] Decisivo é o momento em que o rapaz, tendo tomado consciência de sua situação e superado, com a ajuda de seu educador, o profundo sentimento de angústia e culpa que o atormentava, sentiu que "era hora de romper com o demônio" e decidiu "entregar-se a Deus" por meio de uma boa confissão e de uma firme resolução.[25] Dom Bosco relata as emoções e as reflexões do adolescente na noite seguinte à confissão: restaurado na graça de Deus e seguro de sua salvação eterna,[26] experimenta uma alegria irreprimível.

"É difícil", ele costumava dizer, "expressar os afetos que ocuparam meu

pobre coração naquela noite memorável. Passei-a quase inteiramente sem dormir. Permanecia dormindo por alguns momentos, e rapidamente minha imaginação me fazia ver um inferno aberto cheio de demônios. Afastava rapidamente essa imagem sombria, refletindo que meus pecados haviam sido todos perdoados e, naquele momento, pareceu-me ver um grande número de anjos me mostrando o paraíso e me dizendo: – Vê que grande felicidade está reservada para ti, se fores constante nos teus propósitos!

Quando cheguei à metade do tempo designado para o descanso, eu estava tão cheio de contentamento, emoção e vários afetos que, para dar vazão à minha alma, levantei-me, ajoelhei-me e disse repetidamente estas palavras: «Oh, como são infelizes aqueles que caem em pecado! Mas como são ainda mais infelizes aqueles que vivem em pecado». Acredito que se eles pudessem provar, mesmo que por um momento, o grande consolo sentido por aqueles que estão na graça de Deus, todos eles iriam se confessar para aplacar a ira de Deus, aliviar o remorso da consciência e desfrutar da paz do coração. Ó pecado, pecado! Que terrível flagelo tu és para aqueles que te deixam entrar em seus corações! Meu Deus, para o futuro, nunca mais quero ofender-vos; pelo contrário, quero amar-vos com toda a força de minha alma; e se, por infelicidade, eu cair em um pequeno pecado, irei rapidamente me confessar”.[27]

Encontramos aqui as chaves para interpretar o horizonte de sentido no qual Dom Bosco coloca a função pedagógica e espiritual do exercício da boa morte.

(continua)

---

[1] Bosco. *Il giovane provveduto. p.* 140.

[2] Encontramos a mesma fórmula, com pequenas variações, em um panfleto anônimo intitulado *Mezzi da praticarsi e risoluzioni da farsi dopo una buona confessione per mantenersi nella grazia di Dio riacquistata*, Vigevano, s.e., 1842, 33-36. Cf. também *Il cristiano in chiesa, ovvero affettuose orazioni per la Messa, per la Confessione e Comunione e per l’adorazione del Santissimo Sacramento*. Operetta spirituale del P. Fulgenzio M. Riccardi di Torino, Min. Oss., Torino, G. B. Paravia 1845, onde a atribuição da sequência é, na redação, semelhante à de Dom Bosco: “Litanie per ottenere una buona morte composte da una Damigella nata tra i Protestanti, convertasi alla Religione Cattolica all’età di quindici anni, e morta di diciotto in istima universale di santità” (*ibid*., 165).

[3] Pietro Stella, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*. Vol. II: *Mentalità religiosa e spiritualità*, Roma, LAS, 1981, 340. Cf. também Michel Bazart, *Don Bosco et l'exercice de la bonne mort*, em « Cahiers Salésiens » N. 4, Avril 1981, 7-24.

[4] Por exemplo, pode ser encontrada, com algumas reformulações estilísticas e pequenas ampliações, sob o título "Gemidos e súplicas para uma boa morte", em Giuseppe Riva. *Manuale di Filotea*. Vigésima primeira edição novamente revisada e aumentada, Milão, Serafino Majocchi, 1874, 926-927.

[5] Bosco, *Il giovane provveduto*, 138-142.

[6] Ver, por exemplo, a primeira consideração "Ritratto d'un uomo da poco tempo morto", em Afonso Maria de Liguori. *Opere ascetiche*. vol. 8, *Apparecchio alla morte*, Torino, Giacinto Marietti, 1825, 10-19.

[7] Angelo Antonio Scotti, *Osservazioni sulle false dottrine e sulle funeste conseguenze dell'opera del Lauvergne intitolata "De l'agonie et de la mort dans toutes les classes de la societé". Dissertazione letta nell'Accademia di Religione Cattolica in Roma il dì 4 luglio 1844*, Roma, Tipografia delle Belle Arti, 1844, 3. Scotti polemiza com o autor francês, um médico e cientista, que considera falsa a afirmação de que somente os verdadeiros católicos morrem em paz: Ateus ou adeptos de outras religiões ou mesmo indivíduos imorais e maus também podem morrer serenamente, ao passo que não é raro que homens santos, pessoas de grande virtude e ascetas, especialmente entre os católicos, sofram agonias excruciantes e desesperadoras, pois tudo depende do tipo de doença, da lucidez cerebral, do estado de debilitação fisiológica ou psíquica e das ansiedades induzidas pelo fanatismo religioso, cf. Hubert Lauvergne, De laurel, 1844, p. 1, e o senhor, que é um dos mais importantes médicos e cientistas, considera que a morte é um fenômeno que pode ser considerado como um fenômeno de morte. Hubert Lauvergne, *De l'agonie et de la mort dans toutes les classes de la societé sour le rapport humanitaire, physiologique et religieux*, 2 vols., Paris, Librairie de J. M., p. 1, Paris, Librairie de J.-B. Baillière et C. Gosselin, 1842.

[8] Giovanni Bosco. *Vita del giovanetto Savio Domenico allievo dell'Oratorio di S. Francesco di Sales*, Turim, Tip. G. B. Paravia e Comp., 1859, 116.

[9] Scotti. *Osservazioni sulle false dottrine*, 14-15.

[10] Stella. *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica,* vol. II, 341.

[11] Bosco, *O jovem instruído*, 7.

[12] Cf. *ibid*., 10.

[13] *Ibid*., 10-11.

[14] *Ibid*., 6.

[15] *Ibid*., 13.

[16] *Ibid*., 32.

[17] Cf. *ibid*., 32-34.

[18] *Ibid*., 38.

[19] *Ibid*., 93.

[20] Bosco, *Life of Young Dominic Savio*, p. 136.

[21] *Ibid*., 69.

[22] Giovanni Bosco, *Cenno biografico sul giovanetto Magone Michele allievo dell'Oratorio di S. Francesco di Sales*, Torino, Tip. G. B. Paravia e Comp., 1861, 4-5.

[23] João Bosco, *Vita di santa Zita serva e di sant'Isidoro contadino*. Turim, P. De-Agostini, 1853, 6-7

[24] Bosco, *Cenno biografico sul giovanetto Magone Michele* [*Nota biográfica sobre o jovem Miguel Magone]*, 5.

[25] *Ibid*., 20-21.

[26] "Terminada [a confissão], antes de deixar o confessor, ele lhe disse: 'Parece-lhe que todos os meus pecados me foram perdoados? Se eu morresse nesta noite, seria salvo?' – Vá em paz, foi-lhe respondido. O Senhor, que em sua grande misericórdia esperou por você até agora para que tivesse tempo de fazer uma boa confissão, certamente perdoou todos os seus pecados; e se em seus adoráveis decretos ele o chamasse nesta noite para a eternidade, você estaria salvo" (*ibid.*, 21).

[27] *Ibid.*, 21-22.